

PERTO DA ALDEIA DISTANTE DE MEU POVO: A Imagem do índio urbano no relato do índio aldeado

Robson Romildo de Melo Vieira¹

Resumo: Devido a excessiva perseguição e tentativas de silenciamento cultural alguns indígenas iniciaram um período de anonimato, saindo das aldeias e passando a conviver com a sociedade envolvente, gerando com ela novos indivíduos com traços das duas culturas, um resultado da transfiguração étnica, um índio fora da aldeia ou um não-índio estranho a sua sociedade. Logo o objetivo deste artigo é analisar e discutir a imagem do índio urbano de Palmeira dos Índios-AL, a partir de aferições do índio aldeado tomando a aldeia como lócus para a continuidade e transmissão da cultura. Utiliza-se a pesquisa de campo como princípio de coleta de dados. Sobre os conflitos na região consulta-se Douglas Carrara. Para estudar as relações de exotismo e familiaridade lança-se mão dos conceitos de Roberto Da Matta e sobre o período de silêncio oficial busca-se norte em Aldemir Barros da Silva Júnior. E com isso pretende-se iniciar uma discussão sobre a imagem construída do índio fora da aldeia.

Palavras Chaves: Contraste. História. Imagem. Oclusão. Silêncio.

Reflexões sobre o objeto de Pesquisa

Viver na aldeia é estar conectado com o mundo natural, com o ar, com a água e principalmente com a mãe natureza, é ser livre para fazer o que o coração manda e essa liberdade de cantar e dançar interagindo com a natureza só pode ser plenamente sentida vivendo longe do tumultuado núcleo urbano. Em contraste com a aldeia, viver na cidade aparece para o índio, como um desafio. Pergunta-se, como pode ser feliz onde se vive cercado de estranhos, onde seus parentes são minoria e como viver em um meio em que cada um é por si e salve-se quem puder?

Na aldeia prevalece o sentimento de unidade. Se uma família apresenta necessidades a aldeia se une para ajudar, enquanto que na sociedade envolvente é comum que prevaleça a individualidade aos moldes do dito popular: 'Se puder dar mais corda para seu vizinho se enforcar, é melhor.' As casas geralmente não têm muros, portões ou cercas elétricas porque existe confiança e respeito ao bem do outro e a reciprocidade é regra, enquanto que fora dela a desconfiança impera, o medo é constante, a inveja é campeã em várias ocasiões, muitos se empenham em tirar vantagens do outro.

¹ Graduando em história. Universidade Estadual de Alagoas-UNEAL, Campus III.

Como então o índio pode viver na selva de pedra? Em um mundo diferente do seu, nos aspectos culturais e psicológicos, onde o exótico e o familiar se chocam a todo instante? Querer viver em uma sociedade onde a maioria não lhe vê com bons olhos e não quer o seu bem é um desafio. A maioria refere-se aos indivíduos que não conhecem a história do índio ou são manipulados por uma minoria que tenta moldar a história, silenciar os sujeitos e ocultar a cultura do outro com o intuito de assegurar o seu bem pessoal.

Se o índio deixa a aldeia para viver na cidade é porque no fundo ele foi forçado a não se identificar como tal ou porque não conseguiu assegurar ali o sustento da sua família. Deixar para trás um valor inestimável à sua vida e identidade, algo que está no seu sangue, é estar negando a sua própria existência, pois mesmo que continue a cantar e dançar o toré, a cidade não vai ter a representação da aldeia porque o ar que ali se respira é outro, a selva de pedra é morta, ao contrário da mãe natureza que é viva, exala, canta, grita, geme e seus filhos, na aldeia, sentem porque ela os cobre com a força dos encantados seja no vento, leve ou forte, ela conforta os seus corações.

Querer conviver com estranhos é atirar no escuro com arco. Sendo assim, a vida é mais proveitosa vivida onde a maioria se respeita e tem consciência de que naquele espaço existe segurança e um laço cultural os une. Um laço indestrutível, independente do espaço onde esteja, o índio continuará pertencendo ao seu lugar de origem e a sua cultura que resistiu a séculos de perseguição e à quase total extinção.

A imagem de muitos no relato de poucos

A aldeia é o espaço de nascimento de uma cultura milenar criada por vários povos, é nela que esses povos devem viver, por que lá serão mais fortes diante das situações adversas que possam surgir, como o preconceito presente em qualquer espaço social e mais forte na sociedade envolvente, como é o caso específico vivido pelos Xucuru-Kariri.

Antes vale destacar que o lar dos Xucuru-Kariri é a região serrana de Palmeira dos Índios, uma cidade do Estado de Alagoas, distante 135 km da Capital Maceió. Com uma história marcada pela presença de índios e de conflitos já épicos

entre estes e os posseiros lá eles têm oito aldeias já reconhecidas, mas ainda lutam pelos seus direitos. Situações de preconceito são perceptíveis nos espaços fora da aldeia.

Nesse estudo, tal situação foi comprovada em entrevista realizada com índios da região sobre o quanto as suas experiências fora da aldeia foram significativas porque permitiu-lhes ter visões distintas do índio da cidade e do índio aldeado. Segundo o entrevistado nº 1²:

É, na minha opinião o índio que vive na cidade ele vai perder um pouco de sua cultura. Ele, digamos, ele não vai perder completamente a sua cultura, porque vai ter muitas complicações, ele não vai ter a mata que é prá fazer o seu ritual, não vai ter o contato com a natureza, como o índio que viver na aldeia tem.

O entrevistado nº 1, enfatiza que a maior dificuldade do índio urbano é o afastamento dos costumes ritualísticos enquanto que, o índio aldeado tem facilidade para praticar o ritual, o que vive na cidade tem participação limitada, pois os rituais realizados na cidade são simbólicos pela falta do elemento principal, a mata. A distância do mundo religioso nativo passa a ser mais um obstáculo para aqueles que optam em viver no meio urbano.

Quando perguntado sobre qual era a imagem que os Xucuru-Kariri da sua aldeia têm daqueles seus irmãos que decidiram viver na cidade de Palmeira dos Índios, o entrevistado falou que:

Olha, é, alguns chegam a criticar. Falam que é errado viver desaldeado e que não tem o mesmo direito dos índios *aldeados*, só que eu acho que tem que se ver o porquê daquele ser está desaldeado. Será que foi porque ele quis desaldear-se? Ou será que ele foi obrigado por alguma circunstância?

O entrevistado não se posiciona sobre suas impressões acerca dos índios que vivem na cidade, mesmo diante da insistência ele se mostrou cuidadoso ao afirmar:

Não! Não! Tenho nada contra não, quem vive na cidade muitas vezes, até por certa desinformação dessas pessoas, elas *vem achar* que é melhor na

²Para preservar a identidade e integridade dos entrevistados, estes serão doravante identificados por números.

cidade devido à facilidade, só que há um preço de ter uma maior facilidade. Isso é fato porque na cidade você está em volta de todas as coisas do que na aldeia, para trabalhar tudo vai ter uma facilidade maior, mais prá isso vai ter que se pagar um preço muito grande. Seria a perda da cultura que está no seu local de origem.

No decorrer da entrevista, o discurso que vai sendo construído pelo entrevistado que tende a caracterizar o índio desaldeado como desinformado ou ingênuo, tirando desse indivíduo a capacidade de ter sido movido por situações vantajosas, como por exemplo a possibilidade de emprego ou outros benefícios como engodo para permanecer desaldeado.

Nessa ótica, o indivíduo ao sair do convívio com os seus pares tende a assumir características culturais diferentes das suas, o que o levará ao desenvolvimento de novos costumes, valores e até de nova identidade. Segundo Da Matta (1987, p.9) “Ninguém pode virar baleia, rato ou leão, mas todos podemos nos transformar em membros de outra sociedade, adotando seus costumes e categoria de pensamentos e classificação social.”

A cultura indígena que resistiu a quase todas as imposições de viés eurocêntrico conseguiu manter-se até os dias de hoje, preservando a identidade étnica, fortalecendo-os como povo que pode vir a sofrer profundas modificações e adaptações ou até a extinguir-se. Na cidade, o meio social irá moldá-lo, alterar costumes e pensamentos e gradativamente este índio adotará novos padrões de cultura em detrimento dos seus valores tradicionais. “A transfiguração étnica consiste precisamente nos modos de transformação de toda a vida e cultura de um grupo para tornar viável sua existência no contexto hostil, mantendo sua identificação”. (RIBEIRO, 2010, p. 29)

Essa é a realidade que muitos Xucuru-Kariri vivenciam na cidade de Palmeira dos Índios, negando ou sendo forçados a fingir que negam a sua identidade e paulatinamente vão se distanciando das suas origens. O entrevistado se mostrou indeciso ao longo dos questionamentos, não tomava posição, evitou se comprometer com afirmações diretas, o que encaminhou a entrevista para uma insistência mais velada sobre a sua visão a respeito dos seus irmãos desaldeados e ele respondeu da forma que lhe foi característica durante a entrevista:

Eu não tenho nada contra não. Acho que cada um tem o direito de fazer o que quiser. Se for vontade dele ou também aqueles que saíram, não por vontade própria, mais por alguma circunstância. Alguns conflitos, internos mesmo, obrigam *algumas* pessoas sair, mas geralmente, quando é conflito interno é a FUNAI e alguns órgãos responsáveis *vai [sic]* e compra outros terrenos, que geralmente não é na cidade em outro local e criam outra aldeia.

A falta de clareza nas respostas do entrevistado e as atitudes misteriosas em alguns momentos, revelam seu distanciamento e faz parecer que não se importa quando um de seus irmãos deixa a aldeia. Defende a saída em busca de melhores condições de vida e em seguida fala a respeito de conflitos internos, outro motivo que leva alguns índios ao êxodo. Segundo Carrara (2003, p. 44) “Em virtude de diferentes conflitos ocorridos em decorrência de assassinatos interfamiliares foram transferidas para outros estados, com assistência da FUNAI gerando com isso perda populacional.”

Essa perda populacional é um problema para aldeia e os conflitos internos terminam por deixar o povo frágil diante de inimigos poderosos. Apesar da entrevista realizada ter sido bastante imparcial, o entrevistado comenta que:

O índio desaldeado não tem o mesmo direito do índio aldeado, porque o índio aldeado vai *tá* na luta, e não vai ter como o índio desaldeado chegar lá e querer uma parte da terra. Até porque eu acho justo, ele não tá na luta, o aldeado é quem *está lá lutando* por essa terra. O desaldeado não *tava*. Então eu às vezes até entendo pelas pessoas que não tem o mesmo direito.

Nesse relato sobre a participação ou aceitação dos seus pares, é citado outro problema que pode vir a ser um empecilho nas relações entre índios aldeados e desaldeados. Os moradores da aldeia não aceitam os seus irmãos que vivem na cidade porque acreditam que estes estão de certa forma se negando a lutar por seus direitos, como por exemplo, a demarcação de suas terras tradicionais.

A luta dos Xucuru–Kariri é tida como elemento identitário e vem se fortalecendo enquanto reivindicação, unidade e fronteira com o não índio desde o momento que esse povo se estabeleceu nas cercanias de Palmeira dos Índios, ou simplesmente a partir do momento que o grupo começou a emergir, termo citado por Silva Júnior (2013, p.95). “Entende-se por emergência o momento quando um grupo indígena que utilizava a estratégia da invisibilidade passa apresentar-se enquanto grupo diferenciado, tornando-se visível, inclusive para o estado. ”

Neste caso é compreensível quando o índio aldeado não aceita facilmente receber na aldeia àqueles indivíduos que de lá saíram por opção e passaram a viver na cidade, negando sua identidade, esquivando-se das lutas e, de repente tentam fazer a viagem de volta, segundo João Pacheco.

a viagem é a enunciação, auto reflexiva, da experiência de um migrante, transposta para os versos de Torquato Neto: desde que sai de casa, trouxe a viagem de volta gravada na minha mão, enterrada no umbigo, dentro e fora assim comigo, minha própria condução.(OLIVEIRA, 2004, p.32)

A viagem de volta hoje tem outro significado ou perdeu parte de seu sentido original, pois quando se volta para a aldeia nos dias de hoje o objetivo não é fazer parte plenamente da vida indígena, uma vez que muitos chegam com uma nova religião ou simplesmente interessados nas terras e nas vantagens que esta pode vir a lhes proporcionar, infelizmente não generalizando essa é a triste realidade.

A liberdade que se tem em viver na aldeia é diferente da liberdade vivida por aqueles índios que se encontram desaldeados, pois estes habitam um espaço de certa forma hostil sendo assim a cidade é diferente em vários aspectos do espaço natural em que se encontra a aldeia. De acordo com Peixoto, Moreira e Silva (2010, p. 65) “No que se refere a vida em sociedade, o índio também registra lições profundas de solidariedade e respeito ao outro, vive em comunidade, sem muros e sem cercamentos e não invade a propriedade do outro. ”

Por outro lado, essa realidade de “solidariedade e respeito ao outro” é quase que impossível na cidade porque os laços que são construídos neste espaço só são possíveis por meios de interesses individuais tornado assim a sua base estável. Logo, é um desafio morar na cidade, isso, no início quando tem que se adaptar ao novo espaço e essa adaptação começa quando o índio, agora desaldeado, consegue o seu primeiro emprego. Quando questionado sobre sua condição dedesaldeado o entrevistado nº 2 afirma que:

[...] o direito do índio da cidade é diferenciado, né, até porque a gente tem uma chefe que coordena o SESAI-Secretaria de Saúde Indígena, e falou pra união que prioridade na área da saúde é do índio aldeado; o índio da cidade procure o município. No caso tive um doente lá e outro aqui e eu precisava de vim (sic) de lá pra cá. Prioridade geralmente eles lá, depois o índio da cidade.

O entrevistado nº2 mostra-se bastante preocupado em relação ao tratamento do índio aldeado, e por outro lado com a situação do índio desaldeado, os que moram na cidade. Os aldeados têm direitos diferenciados, as suas necessidades são colocadas em primeiro lugar e as dos índios da cidade em segundo plano. De acordo com Peixoto, Moreira e Silva (2010, p. 66)

O Xucuru-Kariri conseguiu sobreviver, é o termo mais viável para explicar a situação social do índio enquanto cidadão que vive no mesmo espaço geográfico e social do homem branco. No início da colonização europeia, foram obrigados a falar uma língua até então desconhecida para eles, a professar uma religião na qual o Deus é como gente e esquecer seus deuses animistas. Como pessoas, foram mudadas, catequizadas, aporuguesadas.

Mas até quando o índio desaldeado irá conseguir manter a sua identidade? Em um meio onde o estranho é visto com indiferença e a diferença é estigmatizada, o índio teve grande parte de sua cultura apagada e isso é visível, uma vez que há mais de 500 anos vem sendo forçados a abrir mão de seus deuses, sua língua e outros elementos de sua cultura. Essa era, ou melhor, continua a ser uma forma de se manter vivo.

Nenhuma cultura consegue suplantar outra sem perdas, pois esta ao perder, incorpora novos valores. “Sem dúvida, a expansão urbana é uma das causas que intensificaram a hibridação cultural.” (CANCLINI, 1997, p.2). Sendo assim os Xucuru-Kariri sobreviveram por terem se adaptado e tiveram que abrir mão de alguns costumes em prol de outros para conservar, mesmo que híbrida, a sua cultura. Dessa maneira, o índio desaldeado respira o hibridismo cultural, porque a troca de valores na cidade é constante e é um espaço onde perder e ganhar é necessário para conseguir manter-se erguido.

Isso é um perigo mesmo para a aqueles índios que se encontram desaldeados e frequentam o ritual, porque no momento em que se entra nessa intensa troca de valores onde há perdas e ganhos, conseqüentemente, os índios desaldeados, ou melhor, seus filhos e netos podem vir a não se reconhecer como índio e adotar uma nova identidade cultural, nos moldes apresentados por Benedict (2013, p.26) “Uma vez que a cultura não é um complexo que seja transmitido biologicamente.”

Essa é uma situação pouco ou nada conhecida sobre os Xucuru-kariri aldeados e desaldeados; a sociedade envolta não tem conhecimento ou finge não saber de nada. Muitas dessas pessoas têm família nas aldeias e na cidade, e mesmo assim negam sua identidade indígena. De acordo com Gilberto Velho (1978, p. 12)

Há, sem dúvida, cenários e grupos dentro do próprio país ou até dentro da própria cidade de que muitas vezes nem ouvimos falar, que não são temas dos órgãos de comunicação de massas, às vezes por censura, muitas vezes por simples desconhecimento. Desta forma, há indivíduos, situações grupos de outras sociedades e culturas que nos são mais familiares do que muitas facetas e aspectos de nosso próprio meio, sociedade.

Essa é uma realidade presente no dia a dia de Palmeira dos Índios uma cidade que praticamente nasceu dentro de uma aldeia. A presença dos Xucuru-Kariri nas serras da cidade é uma prova viva de sua existência e resistência apesar de alguns poucos tentarem encobrir a história desse povo que luta pela sua cultura, mesmo tendo alguns que negam sua identidade. Ao perguntar ao entrevistado nº 2 por que deixou a aldeia para morar na cidade ele começa a relatar um pouco de sua história:

Já morei na aldeia quando era... quando era solteiro, ai, quando arrumei um emprego de segurança... não dava certo trabalhar na roça, no campo ajudando meu pai com emprego de segurança, de vigilante; fui trabalhar em Maceió; passei trinta dias em Maceió. Já casado, conheci uma moça aqui na rua casei com ela. Morava de aluguel aqui, como eu trabalhava fora, é melhor morar na cidade pra transporte, para viajar, ai, trinta dias em Maceió e dez anos e seis meses em Arapiraca na antiga CEAL, nove anos e seis meses e um dia no DETRAN. Surgiu uma vaga aqui para tirar as férias de uma camarada, ai eu vim, surgiu uma vaga no SESA de vigilante, era só dos índios aldeados, no primeiro embarque consegui uma vagazinha por três anos.

Como se pode notar, o relato do entrevistado nº 2 enfatiza o que já foi dito pelo entrevistado nº 1, isto é, a dificuldade continua sendo a busca por melhores condições de vida e um emprego como segurança é tentador em relação ao trabalho na roça, principal meio de subsistência na aldeia.

O relato continua apesar das pausas por parte do entrevistado que só falava quando questionado, ficando em silêncio depois que respondia às perguntas. Ao ser arguido sobre como é sua relação com a aldeia e se ele a frequenta, respondeu que:

Frequento o ritual, meu pai mora lá na aldeia minha mãe morava lá, já faleceu, mora meu irmão, meu sobrinho, tio, primos, genro, filha e duas netas. A minha esposa frequenta o ritual, meus filhos, tudinho, tenho três moças, uma com sete anos e uma de dezessete (especial, não fala e nem escuta), tem uma mais velha, de dezenove anos.

A resposta foi surpreendente uma vez que a pergunta que foi feita foi outra o entrevistado foi logo afirmando e repetindo “frequento o ritual”, mostrando que apesar de encontrar-se desaldeado, não perdeu o contato com aquilo que lhe é mais importante, a sua religião, uma parte de sua cultura que permanece desconhecida para os não índios, pois estes a conhecem superficialmente, sendo a religião um elemento simbólico que diferencia o índio do não índio, talvez seja por esse motivo que o entrevistado nº 2 tenha sido direto quando falou da sua participação no ritual, o que deixa claro a existência de boa relação com a aldeia. Por outro lado, o índio desaldeado, que não frequenta o ritual não é bem visto na aldeia até porque está afastado do elo mais importante, a sua religião, o que o torna diferente em vários aspectos socioculturais.

Ainda com o intuito de definir um elemento fronteiro entre o índio aldeado e o desaldeado, a entrevista foi direcionada para a investigação acerca das diferentes sensações e emoções que o invadem quando está na cidade ou na aldeia, o entrevistado nº 2 falou que:

Eu sinto assim, é como se faltasse um pedaço. Para mim, o meu dever é tá lá dentro; como eu comecei a trabalhar fora (como já relatei antes) tive esse imprevisto mas eu tou esperando sair essas terras ai, conseguir um pedacinho pra mim eu não tenho terra nenhuma lá. Meu pai ainda tem uma tarefa e meia ou duas tarefas e eu não tenho nada, ai eu espero conseguir um pedacinho pra mim, quero fazer uma casinha lá. Minha vontade é de tá lá, a minha esposa também. Tenho filhos lá e netos né, nossos primeiros netos... a minha esposa gosta muito, pensa em ficar junto, nós viemos de lá ontem de manhã, mas, ela hoje já tava falando de voltar pra lá por causa dos netos, ai, lá nos vamos de sábado a oito que tem religião, vamos passar lá o final de semana como passamos agora; fomos sexta feira e voltamos ontem.

Nota-se que o entrevistado sente a falta da aldeia e para lá ainda não voltou por falta de espaço; essa é a situação dele e de alguns outros, mas estes são a exceção, uma vez que outros índios tem pensamentos diferentes e os interesses estão acima da cultura.

Por que não aldear-se? A vida seria tão mais livre na aldeia, livre de preconceitos, de discriminação, dos enganadores, das ilusões... Isso não implica que na aldeia, não existam problemas, falseamentos e sofrimentos, mas quando externos a nossa cultura, tendem a ser mais fortes.

O índio se fortalece para a luta quando está em seu espaço milenar, em comunhão com os seus encantados na aldeia. É de lá, que deve sair o primeiro grito de guerra contra a maldade do conquistador insaciável, de visão distorcida da realidade, destruidor de vidas e caçador de almas.

Hoje, os descendentes dos grandes guerreiros da outrora poderosa nação Xucuru-Kariri que dominara vastas planícies e serras cobertas por florestas, banhadas por rios dos quais só restam os nomes e das florestas, pequenas reservas, travam uma batalha interna e externa para preservar sua tradição e fazer valer seus direitos, mesmo tendo em seu seio alguns poucos que negam a sua própria cultura e identidade e não reacendem a chama de suas tradições, optando por uma vida na cidade, muitas vezes escravizados pelo capital que impera naquele meio.

Referências

BENEDICT, Ruth. **Padrões de Cultura**. Trad. Alberto Candéias. Lisboa: Livros do Brasil, 2000.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: EDUSP, 1997.

CARRARA, Douglas. **Relatório Preliminar Circunstanciado de Identificação e Delimitação** Terra Indígena Xucuru-Kariri – AL. Grupo Técnico constituído através de Portaria FUNAI nº 178/PRES/03 de 19/03/2003, 302/PRES/03 de 17/04/2003 e 363/PRES/03 de 07/04/2003.

DA MATTA, Roberto. **Relativizando uma introdução a antropologia social**. <http://psicologiadevencedores.yolasite.com/resources/RELATIVIZANDO.%20DA%20MATTA.pdf>. Acesso em: 19/08/2014.

MOREIRA, Ana Cristina de Lima; PEIXOTO, José Adelson Lopes; SILVA, Tiago Barbosa da. **Mata da Cafurna**: ouvir memória, contar história – tradição e cultura do povo Xucuru-Kariri. 2.ed. Maceió: Cataveto, 2010.

OLIVEIRA, João Pacheco (org). **A viagem de volta:** etnicidade, política e reelaboração cultural no Nordeste indígena. 2 ed. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria/LACED, 2004.

RIBEIRO, Darcy. **Falando dos índios.** Apresentação Eric Nepomuceno. Rio de Janeiro: Fundação Darcy Ribeiro; Brasília, DF: Editora UnB, 2010.

SILVA JUNIOR, Aldemir Barros da. **Aldeando Sentidos: os Xucuru-kariri e o serviço de proteção aos índios no agreste alagoano.** Maceió: EDUFAL, 2013.

VELHO, Gilberto. Observando o familiar. IN _____ **Individualismo e cultura:** notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1980.